

O Renascimento da Infância a Partir da Educomunicação

ELIS REJANE SANTANA DA SILVA

As brincadeiras de rua, iminentes do século passado, parecem soar como reminiscências enunciadas pelas vozes dos “mais velhos”, fazendo um eco sem sentido no discurso pós-moderno – “termo duplamente inscrito”, com a indicação de um acontecimento histórico¹– que de forma expressiva irrompe nos finais da década de oitenta, protagonizado pelas novas tecnologias, ditadas pelos países que detém, produzem e desenvolvem essas novas tecnologias, que sustentam de maneira representativa, o alvorecer da nova etapa de um processo contínuo de aceleração da modernidade, do qual não há saídas, *sob pena de morte*, seja por razões econômicas ou culturais².

Os sujeitos diante dessa nova ordem globalizada e mundializada se apresentam na condição de um sujeito cindido, capaz de sobreviver apenas pela articulação da disjunção entre o tempo e o ser.

Diante deste preâmbulo, inicio a discussão sobre o tema aludido, fazendo referência ao título apresentado, dando o sentido do deslocamento temporal para me ocupar do ambiente da infância que pretendo fazer localizar-se: Do lugar da criança nesses continentes dúbios entre as tradições familiares e o *fetichê*³ que as tecnologias exercem [também] nesta fase crucial do desenvolvimento humano.

1 BHABHA, Homi K. O local da cultura. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005, p. 211.

2 BARBERO, Jesús-Martin. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2015, p.255.

3 (Ibid, 2015, p.258)

Em seguida, proponho discutir como se deu a *morte da infância* e, por fim, pretendo trazer uma reflexão sobre o renascimento da infância a partir da sua relação com as mídias, mais especificadamente com o campo científico *Educomunicação* e seus efeitos sobre o ser sujeito. A partir dessa discussão primordial, da “criança contemporânea”, firma-se edifício teórico, que em um dado momento, poderá desembocar em avenidas transversais, entroncamentos e bifurcações, a partir da inserção das tecnologias da informação, que de forma avassaladora, se instaura e secciona a pretensa ingênua rua em redes, descrevendo um percurso anteriormente linear e previsível em novos desenhos, fractais, formatos espirais ascendentes, infinitos e inconstantes, como a atualidade o é. Todavia, com a devida legitimidade e autonomia.

O presente texto, na inspiração de Soares (2008,2009,2012,2013), nos convida, deste modo, a percorrer enquanto caminhantes cambiantes, outros matizes, nuances, arquiteturas, cenários e a descrever novos roteiros para a infância na modernidade tardia.

A MORTE DA INFÂNCIA

A partir dos meados da década de 80, o panorama da comunicação na América Latina é protagonizado pelas novas tecnologias⁴. Considerando os países que dominam o conhecimento para o desenvolvimento e produção das referidas tecnologias, seja por satélite, televisão em sistemas a cabo, vídeo texto, teletexto e assim por diante.

São elas os arautos da nova era, revelando ao mundo um novo momento histórico, contínuo de aceleração da modernidade, realizando o salto quântico que parte da Revolução Industrial e alcança a Revolução Eletrônica.

Nessa mesma década da ascensão das novas tecnologias, literaturas publicadas nos EUA, retratavam sobre tema que propalava a morte da infância, reforçado na crença da psicologia popular, na qual as crianças cresciam sendo privadas da infância⁵, influenciadas pelos avanços tecnológicos, na forma que a sociedade tratava as crianças, bem como nas alterações de comportamento delas próprias. Isto acerca de algumas evidências segundo os autores Elkind (1981) e Winn (1984), como sendo, aumento dos índices de violência, atividade sexual entre os adolescentes e a crescente fragmentação da vida em família.

Diante deste quadro, as mídias eram condenadas por ser o veículo que capitaneava os processos de *aceleração das crianças*, pois faltava sobremaneira a televisão as tais *barreiras*

4 (Ibid, 2015 p.254-255).

5 BUCKINGHAM, David. Crescer na era das mídias eletrônicas. Tradução: Gilka Girardello e Isabel Orofino. São Paulo, Loyola, 2007, p.15; 38; 47; 51-52; 55.

intelectuais—presentes nas mídias antigas capazes de filtrar no imaginário infantil, a penetração das cenas de violência e sexo, que outrora eram mantidas em silêncio absoluto e que agora são explícitas, convertiam a prática humana em uma maneira homogeneizada de ser, obliterando a experiência infantil, transformando a criança em um adulto em miniatura. Entre um e outro autor, a discrepância dos modelos que descendem do aparecimento no primeiro caso da *criança mimada*, para o segundo a ser suplantado pela *criança apressada*.

O anseio de ambos segue entorno do desejo de que a infância pudesse retomar o modelo da velha infância, como se fora uma benção dos anjos, perpassada por uma docilidade que resultava em uma total dependência – seja na decifração de mundo ou em seus afazeres cotidianos – dos adultos, fazendo com que neste processo de interdependência, o comportamento da criança se tornasse pueril e deste modo, fosse reconquistada a infância uma vez perdida.

As teorizações partiam de princípios fisiologistas, apocalípticos e maniqueístas, tomando as mídias no cerne da vilania como fator substancial na maioria dos quadros apresentados. Para além das questões relativas aos aspectos cognitivos, toma-se o uso das mídias a partir do estratagema ideológico apto a destruir a capacidade imaginativa, o pensamento crítico e em consequência disso o potencial de resistência. Como resultado dos efeitos das mídias na tentativa de inverter tais comportamentos dos jovens, entraria em cena, “os profissionais da infância”, cujo senso crítico seria suficiente para contestar os discursos neoliberais, ideológicos e nefastos das mídias através de uma *contradoutrinação*, cuja implicação seria o de reabilitar as crianças diante do já mencionado, fetiche do mundo midiático.

O debate frente às novas tecnologias de comunicação [mídias precisamente] abre um capítulo fulcral diante do conteúdo *efeito*, nas relações entre tecnologia e cultura, um axioma que tem por um lado à velha concepção de toda a atividade e da mera passividade por outro⁶.

Na América Latina, os processos salientam um contraditório, é a partir da utilização da tecnologia que se deriva a pulsão da vida, pela diferença da pluralidade cultural e de seus descompassos que constituem os contextos socioculturais. As tecnologias são as *meras ferramentas transparentes*, elas não se permitem serem usadas à revelia, a qualquer sorte. Em certa análise trata-se da materialização da racionalidade de uma determinada cultura e de um modelo global de organização do poder.

6 (Ibid,2015, p.258-261).

Ressalto que não se pode precisar de forma enfática, quando se dá a infância, tomando como mote, o surgimento da imprensa e, por conseguinte o domínio da leitura, tampouco a partir das mídias eletrônicas. Trata-se apenas de pressupostos empíricos, que tem sido alvo de entraves. Outro equívoco é achar que as mídias eletrônicas superaram a leitura de livros. Uma vez que estudos revelam que a TV tem sido espaço de estabelecer elos com outras atividades funcionalmente equivalentes⁷.

Aqui, nos opomos aos paradigmas deterministas que apontam para receituários que defendem modelos absolutos e verdades inalienáveis.

EDUCOMUNICAÇÃO ENQUANTO PRESSUPOSTO TEÓRICO

Acompanhando o pensamento e as discussões oriundas dos trabalhos de Soares⁸, a *Educomunicação* é um campo de atuação e de intervenção social em espaços educativos, tendo como princípio criar e nutrir *ecossistemas comunicativos* – que se instalam no entorno educacional “difuso e descentrado em que estamos imersos” – abertos, democráticos, adequados ao pleno exercício da cidadania.

O binômio educação e comunicação (do ponto de vista cognitivista) sempre restringiu e continua restringindo os meios a uma dimensão instrumental (mera ferramenta), deixando de fora o que seria engenhoso pensar, que é a “inserção da educação nos complexos processos de comunicação da sociedade atual”, ou seja nos ecossistemas comunicativos⁹, definido como lugar ou lugares [*entre-lugares*] de redes complexas de saberes onde os atores são múltiplos.

Retomando o conceito de *Educomunicação*¹⁰ como área de atividade profissional que agrupa especialistas voltados para o estudo e o exercício das mediações existentes entre a comunicação, a educação e a cultura, tem como intento, ampliar o “coeficiente comunicativo das ações humanas” estando presente nos mais distintos setores da sociedade, incluindo a “mídia, a escola, os centros culturais e as organizações não governamentais”.

Faz-se necessário assinalar que alguns educadores costumam assemelhar a *Educomunicação*, com *tecnologias da educação*, referindo-se ao emprego dos recursos da informação

7 (Ibid, 2007,p.60)

8 SOARES, Ismar Oliveira. Educomunicação: As múltiplas Tradições de um Campo Emergente de Intervenção Social na Europa, Estados Unidos e América Latina. Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil- Memória- Volume 4, 2012/2013, p.186,.

9 LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva. 3ª. edição. São Paulo: Edições Loyola,2000.p. 144.

10 (Ibid, 2012/2013, p.183-185).

no ensino. Outros se limitam ao esforço de considerá-la enquanto atividade de formação de consumidores críticos da mídia, uma área conhecida também como *educação para a comunicação*.

Definida a proposição de *Educomunicação* como campo científico, como área de pesquisa e práxis social, vale acrescentar que a *Educomunicação* nasce das necessidades reais de setores mais desprotegidos da sociedade, nas redondezas da infância, terceira idade, grupos étnicos, indígenas, imigrantes, por fim das classes menos favorecidas da sociedade civil que vivem à margem da avassaladora onda tecnológica que varre o mundo.

O reconhecimento acadêmico veio na primeira década do século XX. Um campo jovem e em plena expansão, cujo elemento substancial encontra-se no empenho latino-americano e do NCE/USP, cujos esforços comungados para o pleno exercício de uma nova prática social, que surge na “interface” entre comunicação, educação como sendo uma opção teórico-metodológica, que decorre da superação das abordagens “tecnicistas, conteudistas, funcionalistas” oriundas dos enfoques tradicionalistas de educação ou mesmo da comunicação.

Irrompe então um novo paradigma que desnuda a interface comunicação-educação, que a partir daí é definitivamente assumido como espaço de ação coletiva com fins ao pleno exercício da autonomia dos sujeitos e de sua conseqüente cidadania. Criando sua epistemologia específica, munida dos aportes teóricos peculiares, bem como, os fundamentos metodológicos próprios. O que coloca a *Educomunicação* no *status quo* de campo científico, por ter atingido sua consubstancialidade.

Enfatizo por fim, o conceito como sendo o conjunto de ações intrínsecas ao planejamento, implementação e avaliação dos processos e produtos destinados ao fortalecimento de ecossistemas comunicativos em ambientes educativos, sejam eles de natureza presencial ou virtual, garantindo a melhoria do *coeficiente comunicativo* das atividades educativas, incluindo todas as atividades relacionadas ao uso dos recursos da informação nos processos de aprendizagem, cuja essência está na *intencionalidade educativa*, comprometida com a educação e com a legitimidade no exercício da liberdade de expressão dos *actantes*¹¹, que não são apenas peças do tabuleiro que agem conforme as regras do jogo e sim de um ente que se constitui unicamente na ação, ou seja, ator-atuante, autor- social.

11 LATOUR, Bruno. Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012, p. 99-100.

O RENASCIMENTO DA INFÂNCIA A PARTIR DA EDUCOMUNICAÇÃO

Início esta seção, partindo dos pressupostos da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire¹², indicando minha tendência a não me deixar levar pela “ideologia fatalista, imobilizante”, que o discurso neoliberal contém em seu bojo e que se tornou comum neste milênio. “Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos” de que estamos petrificados, assim nada há de se fazer perante uma ordem da qual só podemos nos assumir como meros observadores, “nada poderemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar, quase natural”. O mundo entra em um estado de desesperança, o que Freire denomina como sendo “uma fatalidade do fim do século”.

E o que dizer então da educação? Como se comporta ante os paradoxos? Será possível o nexo entre educação e comunicação diante dos pressupostos apresentados neste texto? Pais e mães podem confiar na parafernália tecnológica? Por efeito desta temporalidade imprecisa que marca a contemporaneidade, a *modernidade tardia*.

Em essência, o argumento é que a mudança na *modernidade tardia*¹³ tem um caráter muito específico é o “permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto” em todos os campos e condições sociais, o jogo das incertezas e a despedida aos movimentos eternos, as verdades irrefutáveis, as hipóteses definitivas.

As sociedades modernas são, à vista disto, por definição, sociedades de mudança intermináveis, velozes e permanentes. Esta é substância fundamental entre as sociedades “tradicionais” e as “modernas”. O eixo dessa afirmação está naquilo que é retratado, algumas vezes, como nosso mundo pós-moderno, nos faz nos inscrever também como sujeitos *pós*, relativamente a qualquer compreensão essencialista ou fixa de identidade[s] - algo que, desde as proposições iluministas, se supõe determinar o próprio núcleo ou essência de nosso ser e fundamentar nossa existência como sujeitos humanos - mutantes, híbridos, nas arquiteturas da *modernidade tardia*.

Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para a prática educativa: se *pós* também o somos, devemos participar das frentes que dão cabo de adaptar o educando [sujeito *pós*] a esta realidade que, já mencionada, não pode ser alterada. Ou então, viveremos à fronteira das revoluções sociais atualmente em curso.

12 FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p.54-55.

13 Hall, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade/tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11.

O que se faz necessário, porém, mediante disto, é o treino técnico imprescindível à adaptação do educando [sujeito], à sua sobrevivência às novas tecnologias.

É próprio do pensar humano, a despeito do temor na disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser rejeitado ou adotado só porque é novo, assim como o critério de renúncia ao velho não apenas à distinção cronológica. “Velho” que reserva sua legitimidade ou que encarcera uma “tradição, uma marca uma presença no tempo, continua novo”¹⁴. E ao novo que se reinscreve sobre uma reinvenção à tradição, se [re]marca e se [re]atualiza e inaugura uma presença integradora, agregadora e produtora de novas identidades e novas paisagens, para o suposto “velho”, também “novo” o é. Aqui se enseja a aliança ou a tessitura que idealizo ser conveniente para as atuais conjecturas.

A prática educativa, cuidadosamente crítica, política, moral, gnosiológica pode perfeitamente estar acompanhada das novas tecnologias ao consolidar-se às relações entre os polos vivos dos processos educativos, entre todos os atores [*actantes*] envolvidos neste processo, quanto no tratamento do conteúdo das inúmeras disciplinas, assim como nas práticas curriculares, planejamento didático de qualquer conteúdo”, otimizadas pela comunicação na sala de aula: *O logos da Educomunicação*¹⁵.

A título de exemplo, vinculados ao NCE-USP¹⁶, nascem propostas que privilegiam a gestão educacional no espaço escolar, bem como inspira (ou é inspirada), por práticas em ONGs, assumidas como ações transversais de ensino, cuja metodologia permite a junção entre educação e mídia, com a finalidade de atender as reais necessidades de diretores, docentes, discentes (entre outros atores), na ampliação do diálogo com as “novas gerações, ingressando ao mesmo tempo com elas na cultura da sociedade da informação e da comunicação”.

Desarte, é factual definir que na prática da *Educomunicação*, existe uma *intencionalidade educativa*, posto que no próprio neologismo podemos destacar três matemas¹⁷: *EDUCAÇÃO+COMUNICAÇÃO+AÇÃO* e como fundamento intrínseco, se percebe a presença de posicionamento político¹⁸ existente em um fazer que tenda a se desdobrarem ações autônomas e que desenvolvem criticidade e a prática da cidadania¹⁹.

14 (Ibid,1996, p.30).

15 SOARES, ISMAR OLIVEIRA. *Teoria da Comunicação e Filosofias da Educação: fundamentos epistemológicos da educomunicação*. Documento de suporte à Prova de Erudição. Concurso para Professor Titular da USP- Escola de Comunicação e Artes, 2009, p.03-05, 2009.

16 Núcleo de Comunicação Educativa- USP.

17 Lacan (1972/73) procurou dar status científico à psicanálise, utilizando da matemática e da lógica. Ele propôs o termo “matemas” que significa “o que se ensina” tanto para os conceitos freudianos quanto para os seus próprios conceitos. Fonte: PORTAL EDUCAÇÃO.

18 Política no sentido grego dado ao conceito de polis.

19 (Ibid,1996, p. 14).

É nesta interação de campos – das ações mediadas pela intervenção dos meios e produtos midiáticos, sob o olhar atento da educação imbuída de toda uma intencionalidade educativa – que se dá a intervenção política, cultural e social em suas múltiplas derivações, a *Educomunicação*.

Neste sentido, as crianças em suas interações com as mídias eletrônicas (rádio, TV, cinema, fotografia, computadores em suas mediações), não são vistas tacitamente como receptoras passivas das tentativas adultas de controle e manipulação, como foi antevisto pelos precursores de: *A morte da infância*.

Em *Educomunicação*, uma criança entre cinco e seis anos (variavelmente), é convidada a participar do mundo mágico digital, todavia real, onde ela própria produz, atua e contribui para audiência do conteúdo imagético produzido por si mesmo através dos recursos midiáticos, garantindo não apenas sua inserção na discussão do domínio das ferramentas (como condição civilizatória) e apropriação desses espaços, mas também na obtenção de saberes que reverberam sua prática e sobremodo no exercício de sua autonomia enquanto ator-ator, em suas constantes autossuperações, longe das subordinações e da falsa impressão de ser tragada pelas famigeradas tecnologias.

Movida pela esperança da educação da incompletude e da práxis poética tomamos a *Educomunicação* como astrolábio que guiará crianças, jovens, professores, pais, mães, considerando a relevância do mundo infantil legítimo e rico em ações midiáticas exequíveis, e que juntos e auxiliados pela incorporação de fazeres educacionais, sejam capazes de fazer renascer “velhos” interesses adormecidos, em mentes jovens, mediados pelas ferramentas tecnológicas e pela mediação dos adultos, companheiros nesta aventura, adentrando-se por estradas pós-modernas.

A AUTORA

ELIS REJANE SANTANA DA SILVA - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação PPGCOM/USP-DINTER; Mestra em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental-UNEB; Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB; Coordenadora Pedagógica UPT - UNEB; Pesquisadora em Povos e Populações Tradicionais, Etnomatemática, Tecnologias da Comunicação. elisseco@gmail.com